

Tecnologia X

Os procedimentos médicos e de diagnóstico causam um medo tão grande para algumas pessoas, que cerca de 2% deles têm de ser repetidos, devido a interferências de movimentos que prejudicam os resultados e a falta de tranquilidade dos pacientes de se submeterem ao desconhecido. As pessoas precisam cada vez mais de atenção, conversa, explicação dos médicos para criarem uma relação de confiança e amizade que poderão ser benéficas quando forem realizar exames de radiologia e diagnóstico por imagem.

Derivado de Phobos, a deusa grega do medo, a palavra fobia se traduz pelo medo persistente e irracional, muitas vezes até injustificado e desproporcional que se manifesta em situações ou objetos específicos, como por exemplo: escuridão, trovão, animais, espaços fechados, entre muitos outros, incluindo até exames clínicos e diagnósticos, e procedimentos médicos de rotina.

Trata-se de um transtorno mental que, quando muito intenso, torna-se incontrolável, causa temor patológico e muitas vezes leva o indivíduo a ter reações imprevisíveis. As estatísticas* revelam que cerca de 1 a 2% dos exames de diagnóstico por imagem têm de ser refeitos devido a interferências de movimentos que prejudicam nos resultados e, 5%** deles, simplesmente não são executados. Tudo isso, deve-se ao fato de que muitos pacientes têm algum tipo de fobia e, o medo é tão intenso que atrapalha a realização dos mesmos, chegando muitas vezes até a impedir que sejam realizados.

O que fazer para combater a fobia? A fobia desencadeia uma série de manifestações fisiológicas próprias do organismo, que normalmente atingem o Sistema Nervoso Autônomo (neurovegetativo), tais como aceleração dos batimentos cardíacos e da respiração, sudorese, secura na boca, tensão muscular, vertigens, distúrbios gastrintestinais e até tremores. “Embora sejam sintomas considerados respostas adaptativas normais para a situação que estimula a fobia, alguns interferem diretamente no resultado de alguns exames, o que dificulta o diagnóstico preciso e exige nova realização do exame”, esclarece o Dr. Giuseppe D’Ippolito, coordenador do Serviço de Tomografia e Ressonância Magnética do Hospital e Maternidade São Luiz.

O paciente que fica ofegante e tem falta de ar, por exemplo, pode prejudicar a qualidade de exames como tomografia computadorizada e ressonância magnética.

A fobia é resultado de ansiedade associada ao medo do paciente ser submetido a determinado procedimento. São muitos os motivos que desencadeiam os diferentes sintomas e variam a cada caso. “Por exemplo, o paciente com claustrofobia, que é o medo de lugares fechados, tem muito desconforto e sofre intensamente quando precisa ser submetido a uma tomografia ou ressonância computadorizada, devido ao porte e formato do equipamento. Em outros casos, o paciente tem pavor de sentir dor, pânico do desconhecido e até receio do resultado que o exame pode revelar. Tudo isso dispara mecanismos que acarretam o medo intenso e incontrolável”, diz D’Ippolito.

Em alguns casos, uma boa conversa para esclarecer qual será o procedimento, reduz a ansiedade e o temor do paciente. Porém, muitas vezes, essa tática não funciona e o paciente tem de ser sedado para ser submetido ao exame. Ao contrário do que se imagina, um estudo realizado no Saint Marie Hospital, em Londres, aponta que o nível de ansiedade e temor do paciente aumenta à medida que aumenta o grau de instrução. “Trata-se de um comportamento fruto de fatores culturais”. A pesquisa revela que no Ocidente 5% dos pacientes fóbicos (que têm algum tipo de fobia, principalmente os que sofrem de claustrofobia) não permitem o exame. “Este índice cai para 0,5% no Oriente, onde o estilo de vida e hábitos da sociedade é bastante diferente”, afirma o especialista.

Há também diferença entre o perfil dos homens e das mulheres. Uma pesquisa realizada pela University of Michigan indica que de cada 10 pacientes com claustrofobia, seis são mulheres, geralmente com idades entre 25 e 50 anos, e que têm mais problemas para superar a fobia do que os homens. Quase 5% das mulheres, necessitam de algum tipo de sedação para determinados exames.

Pessoas com melhores condições sócio-econômicas também sofrem mais para lidar com situações de desconforto e, em alguns exames, o paciente pode ter restrições, como por exemplo, o fato de ter de permanecer deitado por vários minutos imóvel, sem poder falar, em equipamentos assustadores e para muitos, desconhecidos.

As crianças também são vítimas deste tipo de fobia. “Quanto mais jovem, maior o medo do desconhecido. Equipamentos como o de raios-x, ultra-som, tomografia